

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA TOXOPLASMOSE GESTACIONAL NO NORDESTE ENTRE 2019 A 2025

INTRODUÇÃO: A toxoplasmose gestacional é um relevante problema de saúde pública no Brasil, devido à transmissão vertical e ao impacto fetal. No Nordeste, as desigualdades regionais reforçam a importância da vigilância epidemiológica para prevenir complicações, orientar estratégias de diagnóstico e tratamento. Assim, torna-se fundamental analisar seu comportamento nos últimos anos para compreender tendências e implicações na saúde materno-neonatal. **OBJETIVO:** Analisar os casos de toxoplasmose gestacional notificados no Nordeste entre 2019 e 2025, avaliando tendências temporais, faixa etária e evolução clínica, compreendendo o perfil epidemiológico da doença e suas implicações na saúde materno-fetal. **METODOLOGIA:** Estudo epidemiológico, transversal e descritivo, baseado em dados do SINAN/DATASUS, referente a casos confirmados de toxoplasmose gestacional no Nordeste entre janeiro de 2019 e março de 2025, analisando ano de notificação, estado, faixa etária, raça, número de curas e óbitos. **ASPECTOS ÉTICOS:** A pesquisa utilizou dados secundários de acesso público do SINAN/DATASUS, não sendo necessária submissão ao Comitê de Ética. **RESULTADOS:** Entre 2019 e 2025, os casos de toxoplasmose gestacional no Nordeste apresentaram aumento, de 2.186 notificações em 2019 para 5.717 em 2024, ano com maior registro. Bahia e Ceará concentraram quase metade dos casos, com 6.453 e 4.153 notificações, respectivamente. A faixa etária mais acometida foi de 20 a 39 anos (17.885 casos), seguida por adolescentes de 15 a 19 anos (4.411 casos). A taxa de cura cresceu até 2023 (2.584 casos), mas apresentou queda em 2024 (2.146) e 2025 (226). Foram registrados 9 óbitos, principalmente em 2023 e 2024, evidenciando a gravidade do agravo e a necessidade de medidas de controle. **CONCLUSÃO:** Portanto, conclui-se que houve crescimento progressivo das notificações de toxoplasmose gestacional no Nordeste entre 2019 e 2025, especialmente na Bahia e no Ceará. A maioria dos casos ocorreu em mulheres de 20 a 39 anos, seguidas por adolescentes. Apesar da predominância de cura, a queda dessa taxa nos anos recentes e a ocorrência de óbitos evidenciam a gravidade do agravo. Assim, reforça-se a necessidade de vigilância epidemiológica contínua, fortalecimento do pré-natal e ações preventivas para reduzir os riscos materno-fetais.